

Reginaldo Veloso: a Teologia como inserção profética

Reginaldo Veloso: Theology as a prophetic insertion

Marcelo Barros

Associação Ecumênica dos Teólogos do Terceiro Mundo - Brasil

Resumo

A figura profética de Reginaldo Veloso tem sido vista a partir de diversos ângulos. Esse artigo convida seus leitores a resgatarem uma antiga concepção de teologia na Igreja, permitindo valorizar na vida e na militância de Reginaldo Veloso, um ministério teológico sapiencial que foi básico para os primeiros tempos da Teologia da Libertação. Esse ministério, que nas primeiras Igrejas era considerado como dos doutores, (Cf. 1Cor 12,28- 29 e Ef 4,11) foi vivido por pessoas como Reginaldo como assessor e teólogo das bases.

Abstract

The prophetic figure of Reginaldo Veloso has been viewed from different angles. This article invites the readers to rescue an old conception of theology in the Church, allowing us to value in the life and militancy of Reginaldo Veloso, a sapiencial theological ministry which was basic for the early days of Liberation Theology. This ministry, which in the first Churches was considered as that of doctors (cf. 1Cor 12, 28-29 and Eph 4,11) was lived by people like Reginaldo as an advisor and theologian of the bases.

Palavras-chave

Teologia na inserção.
Liturgia profética.
Presbiterato leigo.
Salmos de hoje.
Grito divino.

Keywords

Theology in insertion.
Prophetic liturgy.
Lay priesthood.
Today's Psalms.
Divine scream.

Introdução

Quem teve a graça de acompanhar a trajetória de Reginaldo Veloso sabe que ele se identificava como “presbítero leigo das comunidades”. Antes dele, em 1968, o saudoso teólogo e educador Ivan Illich, pressionado e hostilizado pelo Vaticano, preferiu declarar-se “padre aposentado” (GENNARI, 2022, p. 105). Reginaldo Veloso nunca se colocou como “em retiro” ou aposentado. Sempre se sentiu e se declarou padre, em pleno exercício do seu

ministério, só que como presbítero leigo. Assumia com competência a sua função de assessor da Comissão de Liturgia da CNBB e era, com justiça, considerado um dos mais importantes compositores de música litúrgica e pastoral do Brasil. De fato, sempre exerceu um ministério teológico de assessor das comunidades eclesiais de base e de movimentos populares ligados à Pastoral. No entanto, fazia isso muito mais no plano do acompanhamento de reuniões e no diálogo oral do que na preocupação de publicar textos que é tão valorizada pela Academia.

Reginaldo sempre buscou exercer a sua missão em plena inserção social e política junto às comunidades de base, pastorais sociais e movimentos populares. É importante ressaltar que ele só pôde realizar tão bem essa missão e de forma tão profética porque fez para si mesmo e propôs aos outros uma síntese teológica que fez dele um verdadeiro teólogo das bases. Comumente, esse título de teólogo/a é associado a academia e ao ministério do ensino em universidades e seminários. Quando jovem, estudou na Gregoriana em Roma, onde obteve o diploma de mestre em Teologia e História. No entanto, no decorrer da sua vida e do seu ministério, não desenvolveu a Teologia de acordo com o diploma adquirido. Foi uma Teologia sapiencial, toda centrada na fé bíblica e na espiritualidade profética. Unia grande amor a mais profunda tradição da Igreja Católica, enraizado na Bíblia, principalmente aos evangelhos e aos salmos e, ao mesmo tempo, tudo isso era vivido a partir da comunhão com a cultura do povo nordestino mais pobre e com o assumir a luta das classes oprimidas por sua libertação integral.

Provavelmente, sem pretender isso, desde o início dos anos 1970, época na qual a nossa Igreja foi profundamente marcada pela Segunda Conferência Episcopal Latino-Americana em Medellín, até nossos dias, Reginaldo Veloso retomou a figura do teólogo de base e atualizou a dimensão pastoral e mística da Teologia que foi comum nos primeiros séculos do Cristianismo, a chamada época da Patrística e que, na década de 1970, o padre José Comblin propôs revitalizar quando lançou o projeto chamado “Teologia da enxada”, ou seja, a formação de uma Teologia séria e profunda

a partir da inserção no mundo do trabalho (COMBLIN, 1977)¹. Na intuição de Comblin, em suas origens, o projeto se destinava a formar padres e missionários/as do campo, a partir do compromisso com o mundo dos trabalhadores rurais. No entanto, se desde a década de 1940, com o processo de industrialização, o Brasil viu se acelerar uma mudança de sua população do campo para a cidade, a partir da década de 1970, com as políticas contra os pequenos lavradores, o incentivo a agricultura de exportação e o esvaziamento do campo, o país sofreu um processo de urbanização que se poderia dizer forçado e violento. Isso fez com que a Teologia pensada para a juventude e os trabalhadores/as do campo se adaptasse e se transformasse em instrumento de trabalho para as periferias urbanas. Com a sua pedagogia de formação e acompanhamento de pequenas comunidades nos morros de Casa Amarela (periferia do Recife), Reginaldo Veloso completa a intuição do padre Comblin. Viveu e ensinou uma teologia que, durante décadas, iluminou e fortaleceu células do movimento “*Encontro de irmãos*”, cujo intuito era a evangelização, criado e animado por Dom Helder Camara e também o movimento das comunidades eclesiais de base que resistiram ao desmonte pastoral apoiado pelo Vaticano do Papa João Paulo II e, cuidadosamente, realizado pelo arcebispo sucessor de Dom Helder na direção da arquidiocese de Olinda e Recife.

Os textos escritos por Reginaldo se distribuíam em folhetos e raramente se guardaram em livros. Desde 1969 até a publicação do *Ofício Divino das Comunidades* (1988), publicava salmos e cânticos com textos para explicá-los. A *Revista de Liturgia* frequentemente divulgava seus textos e propostas litúrgicas. Até poucas semanas antes de falecer, publicava semanalmente uma folha litúrgica para o domingo com os cânticos, a introdução para a celebração e um breve comentário que ligava o evangelho do domingo à vida concreta e à luta dos/as trabalhadores/as. No plano mais teológico e pastoral, em 1995, foi fundada a Rede Celebra, para ligar a tradição litúrgica com a caminhada das comunidades, assim como o CEBI liga a Bíblia com a vida do

¹ Ver ainda: SOUZA, Alzirinha (2012). [Teologia da Enxada: Evangelização inculturada e inculturante](#). São Paulo: Paulinas. *Ciberteologia - Revista de Teologia & Cultura*. 8 (38). Consultado em 16 de junho de 2012; PITTS, Natasha. [Seminário comemora 40 anos da Teologia da Enxada](#). ADITAL. Consultado em 16 de junho de 2012.

povo. Para ajudar teologicamente nesta tarefa, Reginaldo publicou vários artigos (VELOSO, 1996, p. 28-33)².

Convido vocês a aprofundarmos alguns elementos dessa Teologia que Reginaldo Veloso vivenciou e que está ao nosso cargo prosseguir.

Uma teologia nascida a partir da espiritualidade da inserção

Ao contrário de jovens que vão estudar Teologia em Roma e voltam ao Brasil mais europeus do que os seus professores romanos, Reginaldo voltou ainda mais fiel às suas raízes nordestinas. Os estudos em Roma lhe deram uma carga cultural nova, mas também lhe fizeram ver melhor a distância imensa que havia entre a visão litúrgica do clero, mesmo na Liturgia renovada e a piedade do povo católico que continuava ligado a devoções e expressões tradicionais da fé. O tempo em Roma intensificou em Reginaldo Veloso o ardor missionário da inserção. Foi pela inserção e para lhe dar prioridade que, no final da década de 1960, deixou a congregação dos dehonianos e se inseriu plenamente na arquidiocese de Olinda e Recife. No início, como pároco da Macaxeira, um bairro operário de periferia, viveu os tempos de crise depois do fechamento da fábrica e do conseqüente desemprego e desestruturação da vida dos pobres. Reginaldo começou o seu ministério no tempo em que a Ditadura Militar estava em seu período mais repressivo e cruel. A partir de 1974, assumiu como pároco do Morro da Conceição, paróquia nova e que integrava uma região pastoral de desafios imensos.

Desde o começo, alguns estranharam que o pároco não residia na casa paroquial e sim em uma casa de periferia. Ali conviviam com seminaristas que, conforme orientação de Dom Helder Camara e de padre José Comblin, faziam

² Cf. VELOSO, Reginaldo, Às margens do Rio da Babilônia. 1ª parte. *Revista de Liturgia* ano 23; setembro/outubro 1996, p. 28 - 33; Às margens do Rio da Babilônia. 2ª parte. *Revista de Liturgia*, ano 23; novembro/dezembro 1996, p. 2; Por uma Liturgia cordial. *Revista de Liturgia*, ano 24; julho/agosto 1997, p. 30- 32; Assim na terra como no céu. *Revista de Liturgia*, ano 26. Julho/agosto 1999, p. 32- 25; Pastoral Litúrgica: realmente o que pensar e o que falar. *Revista de Liturgia*, ano 36; julho/agosto 2009, p. 24- 28; Vaticano II: 50 anos. De lá para cá... *Revista de Liturgia*, ano 39; novembro/dezembro 2012, p. 30- 34; A Liturgia do caminho e as celebrações do 13º Intereclesial de Cebs. *Revista de Liturgia*, ano 42; p. 31- 34. Ver também VELOSO, Reginaldo e FONSECA, FREI JOAQUIM. *O que Cantar no Ciclo Pascal: Quaresma, Tríduo Pascal, Tempo Pascal*. São Paulo: Paulus, 2018.

o seu curso de Teologia a partir da inserção no meio das comunidades periféricas.

A partir dessa inserção, Reginaldo tornou-se assessor pastoral do Movimento Internacional Amigos da Criança e do Movimento de Trabalhadores Cristãos, originados a partir da antiga Ação dos Cristãos no Meio Operário (ACO). Nesse trabalho de assessoria, Reginaldo fez do antigo método da Ação Católica “Ver, Julgar e Agir” mais do que um método de revisão do trabalho, uma forma espiritual de ler a Palavra de Deus a partir dos acontecimentos da vida e dos desafios do dia a dia. Ali, ele se tornou um verdadeiro teólogo das bases. Não escreveu nenhum tratado de Teologia, elaborava subsídios simples para cada encontro e, muitas vezes, expressava a sua teologia em cânticos e poemas, cada um com seu tema e proposta próprios, mas todos com o rosto e o coração teológico e místico de Reginaldo Veloso.

Nos anos imediatos após o Concílio, muitas dioceses e paróquias do Brasil promoviam Semanas Litúrgicas para colocar em prática as novas normas litúrgicas. Naqueles primeiros tempos da reforma litúrgica, foi traduzida do francês a versão dos salmos composta pelo padre Joseph Gelineau. Também surgiram os primeiros compositores litúrgicos, pioneiros corajosos, mas que eram quase todos padres europeus que viviam no Brasil. É verdade que surgiam experiências novas e corajosas como a série “Povo de Deus” que Dom Domingos (Pierre) Sanchis coordenou. Ele conseguiu que alguns compositores da MPB compusessem antífonas e versos de salmos para os diversos tempos litúrgicos. No entanto, mesmo se essa experiência significou um passo imenso na aquisição de músicas litúrgicas de qualidade, as letras eram colhidas do Missal Romano, anterior a reforma litúrgica de 1968. Até hoje, cantamos algumas daquelas belas melodias. Todavia, apesar da riqueza que isso significou, como a mesma melodia revestia várias letras para servir a vários domingos para assumir as letras dos cânticos do Missal Romano, a melodia parecia entrar em uma camisa de força. Despontavam alguns compositores novos como o padre José Weber, o Padre Ney Brasil e outros. Por outro lado a caminhada das comunidades, a tradição litúrgica e a piedade popular ainda pareciam três países diferentes e sem pontes entre eles. As primeiras experiências de ligar Bíblia, Liturgia e cultura popular vieram de padres que

eram ao mesmo tempo, pessoas de espiritualidade profunda, de boa formação bíblica, litúrgica e, concomitantemente, com profunda sensibilidade artística e inseridos nas culturas populares. Dois nomes que devemos destacar, e aos quais Reginaldo deveu muito, foram os padres Jocy Rodrigues em São Luiz, MA, e o padre Geraldo Leite, na paróquia de Ponte dos Carvalhos na periferia-sul do grande Recife.

Naqueles primeiros tempos da “caminhada da Igreja no meio do povo”, parecia haver certa polaridade: quem era de sensibilidade mais litúrgica, aparentava não dar muita importância à inserção social nos movimentos populares e vice-versa, quem se inseria mais na caminhada, considerava a liturgia como setor que interessava mais a pessoas alienadas. No Recife, Reginaldo Veloso e Geraldo Leite, assim como Jocy Rodrigues, em São Luís, eram exemplos contrários a isso, eram profundamente empenhados na renovação litúrgica e, ao mesmo tempo, faziam isso a partir de profunda inserção na caminhada e nas lutas dos oprimidos (Zé Vicente que também é exemplo disso pertence a uma geração mais nova).

Particularmente, esses padres, compositores que eram pastores nas periferias do mundo, eram bons teólogos, se considerarmos a Teologia na linha e no sentido que esse termo tinha no primeiro milênio do Cristianismo, quando ela era a compreensão mística e pastoral da fé. Entre eles, o padre Jocy lia a Bíblia diretamente dos originais. Um dia, em sua casa, ele me convidou para orar e descobri que orava os salmos lendo no texto hebraico. No entanto, foi Reginaldo Veloso que mais desenvolveu um aprofundamento teológico da Liturgia, da fé e da missão da Igreja.

Em 1969, ainda um jovem monge beneditino que prestava suas primeiras assessorias à comissão de Liturgia da Arquidiocese de Olinda e Recife e como alguém que desde criança conhecia Reginaldo, o procurei e sugeri que formulássemos juntos um roteiro mais inculturado para a Vigília Pascal. Ele aceitou o desafio e inesperadamente me respondeu: “Posso tentar fazer músicas para o *Exsultet* (Louvação Pascal), para os cânticos responsoriais e os salmos da Vigília Pascal.”

Como estávamos na Quaresma, o prazo era curto e, para se adequar a assembleias menos letradas, insisti que os salmos tivessem refrão que

pudessem ser cantados de memória. Uma semana antes da Semana Santa, Reginaldo estava com todos os cânticos e salmos da Vigília Pascal compostos e de tal maneira que uniam sensibilidade litúrgica, base bíblica profunda e verdadeira inserção na cultura popular.

Apesar da beleza das melodias e da alta qualidade da tradução dos salmos e cânticos litúrgicos, achei os refrões demasiado longos e difíceis de serem memorizados, ledoo engano. Nas primeiras experiências nas comunidades, a melodia era tão bela e agradável que logo as pessoas repetiam de cor. Em poucos dias, Reginaldo Veloso me mostrou as melodias para a Missa da Ressurreição e as cantou na Missa Pascal da arquidiocese, todos cantaram em uma só voz. Naquele mesmo ano, compôs as músicas para os domingos do Advento e depois do Tempo do Natal. E pouco tempo depois, as Paulinas aceitavam gravar em discos todo esse acervo musical. A partir daí, Reginaldo não parou mais e suas composições se tornaram centenas. Sem sua profunda inserção nas comunidades, sua capacidade de ouvir e de valorizar a cultura do povo, essa riqueza litúrgica e teológica que ele compôs não teria sido possível.

Há mais de trinta anos, Reginaldo traduziu salmos como o 72 de forma que refletisse a espiritualidade negra (Salve, Olorum) e o salmo 124 com alusão a povos indígenas. Sobre uma e outra, há muitos cânticos e textos, mas a originalidade de Reginaldo foi saber unir essa espiritualidade dos salmos à forma própria da liturgia.

Um aspecto tocante da fidelidade de Reginaldo foi a pertença fiel e paciente à Igreja Católica Romana. Até poucos dias antes de cair doente, elaborava para cada domingo, uma folha litúrgica com subsídios para a celebração das comunidades. Era impressionante a sua preocupação de ser fiel à tradição da liturgia romana. Algumas vezes, eu mesmo imaginava que poderíamos, e até deveríamos, tomar outro caminho mais próprio nosso, deveríamos nos sentir mais livres em propor outros textos litúrgicos ou bíblicos. Mesmo se essa fidelidade não foi muito percebida ou valorizada nos ambientes eclesiais, ele sempre foi extremamente fiel à matriz litúrgica na qual sempre viveu e celebrou.

Todas as pessoas, que conheceram Reginaldo, podem testemunhar a profundidade e a radicalidade de sua opção por uma sociedade transformada a partir dos povos oprimidos e das culturas populares. Quem dele se aproximava, percebia logo que essa sua postura vinha da fé cristã e estava intimamente ligada a espiritualidade. Ele expressava a dimensão revolucionária da fé através da arte e da beleza, principalmente, da poesia e melodia dos cânticos usados nas celebrações populares e na caminhada das comunidades eclesiais de base³.

Uma teologia que continua Medellín

“Como muitos já o enfatizaram, Medellín sela a ata de nascimento de uma Igreja com rosto latino-americano...”, afirma José Oscar Beozzo com segurança as afirmações de José Comblin e de Pedro Casaldáliga (2018, p. 12). De fato, quem viveu em alguma das dioceses mais abertas, nos anos seguintes a Medellín sabe que, em meio a todos os desafios e durezas da ditadura militar, e em seus tempos mais duros junto com a graça do martírio, em nossas Igrejas soprava forte o vento da profecia e da construção da esperança como nunca mais foi possível recriar nos ambientes eclesiais, uma graça única. A arquidiocese de Olinda e Recife teve a graça (e a dor) de ter dado à Igreja - e ao mundo - um dos primeiros mártires da caminhada, o padre Antônio Henrique Pereira Neto, trucidado de modo extremamente cruel por agentes da ditadura aos vinte e oito anos de idade em maio de 1969. Henrique foi morto por um único motivo: ser da equipe de coordenação pastoral da arquidiocese, encarregado da Pastoral da Juventude (secundarista). Era amigo e companheiro de Reginaldo, apenas dois anos mais novo. Reginaldo sofreu a morte do amigo, como uma perda pessoal e foi muito estimulado a se firmar na caminhada a partir do testemunho martirial.

Se o Concílio Vaticano II representou um Pentecostes novo para toda a Igreja Católica, Medellín significou para a Igreja latino-americana e caribenha uma primeira união entre esse espírito carismático de Pentecostes e a opção

³ Dos muitos salmos e cânticos compostos por Reginaldo Veloso, os mais conhecidos e cantados estão publicados no livro: BARROS, MARCELO. *Diálogos com o Amor*. Com os Salmos, orar o Hoje do mundo. Belo Horizonte: Editora Senso, 2019.

revolucionária de Jesus a anunciar e mostrar que o reinado divino se realiza no mundo a partir da caminhada dos oprimidos por sua libertação integral. Foi a partir de Medellín que se incorporou nas bases das nossas Igrejas o que depois foi chamado de Teologia da Libertação. Esta surgiu, primeiramente, como movimentos pastorais que deram início a caminhada libertadora e as pastorais sociais. Antes dos teólogos profissionais que traduziram em livros a experiência desta caminhada, ela se construiu a partir de pastores como Helder Camara no Recife, Antônio Fragoso em Crateús, Tomás Balduino em Goiás, Pedro Casaldáliga em São Félix do Araguaia e vários outros espalhados pelo Brasil e outros países da América Latina, mas também, e principalmente, irmãos e irmãs que, nas bases, construíram os pilares deste caminho. No Recife e em outras dioceses do Nordeste, por onde passava, animando “semanas missionárias”, Reginaldo Veloso foi um dos pioneiros desta teologia de base que fundamentou algumas das principais intuições da TL ainda não elaborada sistematicamente.

A partir do final da década de 1960, alguns “cânticos da caminhada” trazem alguns dos conceitos que serão fundamentais na Teologia da Libertação. “Eu acredito que o mundo será melhor, quando o menor que padece, acreditar no menor” e “Já temos terra no céu. Agora, queremos terra na terra” eram cânticos dos lavradores.

A Teologia da Libertação ensina: “Só existe uma história e a salvação se realiza na libertação integral de todo o ser humano e de toda a humanidade” (Medellín, doc 5, n. 15). É essa a teologia que Reginaldo vai desenvolver nos cânticos bíblicos e litúrgicos que traduzirão para a nossa realidade a profecia de Isaías de que, através do nosso trabalho, Deus criará um céu novo e uma terra nova, na qual a justiça correrá como um riacho transbordante em meio a terra árida do sertão nordestino (ver: Cântico “Boca do povo”, baseado em Isaías 65, 17 ss).

Ao explicar o que caracteriza a Teologia da Libertação e a diferença das teologias progressistas europeias que surgem mais ou menos na mesma época, Gustavo Gutiérrez especifica que a libertação não é apenas mais um tema teológico sobre o qual a teologia discorre. Muito mais do que isso, é a

base vital, o chão real a partir do qual se constrói a reflexão teológica. Assim, no original em espanhol, ele afirma:

Es por esto que la teología de la liberación nos propone, tal vez, no tanto um nuevo tema para la reflexión, cuanto una nueva manera de hacer teología. La teología como reflexión crítica de la praxis histórica es, así, una teología liberadora, una teología de la transformación liberadora de la historia de la humanidad y, por ende, también, de la porción de ella - reunida en "ecclesia", que confiesa abiertamente a Cristo (GUTIÉRREZ, 1971, p. 9)

Se é verdade que a Teologia da Libertação se caracteriza por sua metodologia (a TL é principalmente um modo de fazer teologia, isso é, refletir a fé e aprofundar a espiritualidade a partir das experiências de base e da realidade), também a prática da qual ela decorre, vive e se alimenta do mesmo espírito: não é apenas uma caminhada sócio-política sobre a libertação, é caminhada de fé e de inserção que assume todo e qualquer conteúdo, seja litúrgico, catequético ou pastoral, mas sempre a partir do processo da caminhada libertadora. Assim, todas as vezes que a Teologia da Libertação tem sido formulada nos escritórios e nas universidades, sem ser como resposta e eco direto das lutas sociais e sem vir diretamente da inserção espiritual dos teólogos e das teólogas nesse processo concreto das bases, o resultado pode ser bom e útil. Pode ser uma excelente elaboração, mas de certo modo, é mais *Teologia sobre a Libertação* do que *Teologia da Libertação*.

Não entramos aqui na discussão sobre a epistemologia da Teologia da Libertação no sentido discutido por Clodovis Boff (de teologia do genitivo ou Teologia 2). Optamos pela visão de Jon Sobrino da teologia como "*intelligentia amoris*", posicionamento bem sintetizado e explicado por Aquino Júnior (2017).

Sem nenhuma rigidez de cobrança ideológica ou de postura *basista*, é bom levarmos em conta essa distinção entre *Teologia da Libertação* como método e caminho teológico espiritual vindo das bases e um tipo de produção na linha da "*Teologia sobre a Libertação*" que pode ser igualmente útil e importante no processo (BARROS, 2019, p. 72-73).

Assim, a inserção pastoral de pessoas como Reginaldo Veloso sempre foi além da temática estrita da libertação. Durante anos, Reginaldo foi assessor do movimento internacional Amigos da Criança que tinha coordenação e orientação europeia, mas o seu modo de agir e sua prática partiam da caminhada libertadora.

Uma teologia que assume permanentemente o conflito

Um dos elementos que a teologia latino-americana ajudou a clarear na nossa fé foi o caráter de conflitividade inerente à vinda do reinado divino no mundo. A América Latina continua marcada pela atrocidade do colonialismo e da escravidão. As desigualdades sociais e a injustiça estrutural em que se baseia nossa sociedade, de certa forma, traz uma luz nova sobre a enigmática palavra de Jesus: *“Desde os dias de João Batista até agora, o reino de Deus sofre violência são as pessoas violentas que o arrebatam”* (Mt 11, 12). O contexto no qual Jesus teria dito isso tinha sido a prisão de João Batista, a proximidade do seu martírio e a dúvida que João tinha colocado sobre Jesus: *“é você aquele que deve vir, ou teremos de esperar por outro?”*. Dom Helder Camara, na continuidade de Roger Schutz falava da *“violência dos pacíficos”*. Seja como for, a luta pela justiça acarreta uma conflitividade que precisa ser assumida. A educação religiosa tradicional e certa leitura espiritualista da fé acabam dificultando que as pessoas assumam esse caráter conflitivo da fé e do anúncio do reino.

Desde os primórdios da caminhada, Reginaldo Veloso soube assumir esse aspecto da profecia. Em suas composições, esse traço chama a atenção. Reginaldo retoma salmos que pedem o fracasso do projeto dos ímpios e que os injustos sejam castigados. Desde o início, a sua inserção no meio dos operários e pessoas mais oprimidas acarretou riscos e ele os assumiu corajosamente.

Em um artigo para o jornal *Brasil de Fato PE*, Vinícius Sobreira relata:

No dia 16 de junho de 1973 os militares fizeram uma incursão na sede da Ação Católica Operária (ACO) e depois na Paróquia da Macaxeira, onde encontraram o padre Reginaldo datilografando o jornalzinho que era distribuído nas

comunidades. Reginaldo foi sequestrado, vendado e jogado na caçamba de um veraneio. Deixaram-no só de cueca, preso numa jaula de 2 metros por 2, num ambiente em que haviam outros presos, alguns idosos e religiosos. (...) A partir de 1975, ele se tornou pároco do Morro da Conceição e, várias vezes, teve de acompanhar pessoas perseguidas à delegacia.

Em 1980, o padre italiano Vito Miracapillo, que atuava no município de Ribeirão, na zona da mata sul de Pernambuco, se negou a celebrar uma missa comemorativa ao dia da Independência do Brasil. O religioso alegou que o país ainda não era independente, haja vista as condições precárias em que vivia o povo da zona da mata. Os senhores de engenho se revoltaram e pediram a expulsão dele, o que foi votado e aprovado na Assembleia Legislativa de Pernambuco, em movimento dos deputados estaduais ligados aos usineiros.

Padre Reginaldo Veloso reagiu com um poema intitulado “Supremo Coito Venal”, publicado no Diário de Pernambuco. Poucos dias depois, a Polícia Federal intimou o padre, acusando-o de “crime contra a segurança nacional” por ter ofendido o Supremo Tribunal Federal” (BRASIL DE FATO, 21/05/2022).

Certamente, para Reginaldo Veloso, foi mais duro enfrentar a repressão eclesiástica do que a perseguição dos militares. Em 1985, por idade, Dom Helder renunciou ao seu ministério de pastor arquidiocesano e foi substituído por um arcebispo que entrou em conflito direto com Reginaldo Veloso. O conflito se acentuou a um ponto extremo no qual o arcebispo acionou a polícia para obrigar o padre a deixar a paróquia e entregar as chaves da Igreja. A partir daí, Reginaldo se tornou “presbítero leigo das comunidades”. Casou com Edileuza e continuou animando as pequenas comunidades do Morro que seguiam a orientação da Igreja da caminhada e passaram a reunir-se em espaços laicais.

O conflito que poderia ficar apenas restrito a aspectos pessoais, Reginaldo conduz sempre como postura profética de defesa do protagonismo das lideranças leigas e femininas na comunidade. Mesmo com toda a sua fidelidade à liturgia da Igreja, reinventou o ágape fraterno, sem lhe dar este nome. A cada domingo, as comunidades continuaram a celebrar a ceia de Jesus, coordenadas por mulheres, muito bem formadas para isso. Foram elas

que, a pedido de Edileuza, coordenaram com muita competência e dignidade a celebração do velório de Reginaldo, quando alguns dos padres presentes pressionaram para levar o corpo à Igreja da paróquia para ali celebrarem a missa de sempre, a viúva respondeu: “Durante trinta anos, ele não pôde entrar na Igreja paroquial que ele tinha fundado e da qual foi o primeiro pároco. Não é agora depois de morto que a Igreja vai acolhê-lo lá. O velório será onde ele sempre atuou e celebrou com as comunidades que até hoje continuam sem ser acompanhadas pelo clero”.

A profundidade teológica e espiritual de Reginaldo tornou possível ele viver essa realidade sem nunca romper com a arquidiocese, sem nunca afastar as pessoas da comunidade da paróquia e sem guardar nenhum rancor ou guardar para si as comunidades que sempre ficaram ligadas à coordenação regional e nacional das Ceps.

Considerações finais

Na história da Igreja, principalmente entre os principais padres e doutores da Igreja Oriental, figura o nome de São Simeão, o novo Teólogo (949-1022). É um dos três santos aos quais a Igreja Ortodoxa atribui este título, junto com São João, o evangelista (no primeiro século) e São Gregório Nazianzeno, no século IV. O que caracteriza Simeão é o fato de ser monge, poeta e místico da espiritualidade hesicasta, ou seja, eremita e despojada de qualquer intelectualismo.

Por sua experiência de ter sido afastado oficialmente do ministério, Reginaldo Veloso precisou reencontrar na experiência da militância e da caminhada libertadora das comunidades esse sabor de uma teologia profética, de caráter mais de base, comunitária porque sempre continuou acompanhando os trabalhos e a caminhada das comunidades, mas de um jeito próprio e, sob certo ponto de vista, eremítico, no sentido de sozinho e independente de qualquer estrutura eclesiástica.

Nestes anos mais recentes, ele elaborou uma obra de síntese do seu pensamento teológico e litúrgico que ele deixou inédito e o seu filho João José Veloso está organizando para publicar. Chama-se “Liturgia do Samaritano

e Samaritana - “Ofertar para o meu povo é dar a vida” (Rodas de conversa em torno dos fundamentos da Liturgia Cristã).

São duzentas páginas de reflexão teológica e pastoral. Quando me enviou os originais, me pediu que escrevesse o prefácio e prometi. Espero fazê-lo, assim que encontrarmos a editora adequada.

Nesse seu livro, síntese do seu ensinamento teológico-litúrgico e em toda a sua experiência teológica, o elemento central é uma espiritualidade focada no reino de Deus que se manifesta na vida. Uma de suas composições mais recentes se chama justamente: “Vida, sonho de Deus.” Ela pode ser considerada como uma peça da teologia poética de Reginaldo. Diz assim:

Vida, tu Vida, tu és o sonho mais lindo de Deus.
 Vida, em plenitude, és também sonho meu!
 Vida, por tua causa Jesus se doou!
 Vida, a tua chama acender nos mandou!

De Deus o Espírito nos consagrou,
 a proclamar o seu Reino enviou.
 O escravizado mandou libertar
 e um novo tempo nos manda anunciar!

Foi pão e vinho que ele tomou
 naquela ceia, banquete do amor.
 É sua vida a nos entregar
 pra nossa vida também se doar!

Amo a Jesus e enlagueço o meu peito.
 Seguindo a Cristo, eu me alegro em seu Reino,
 e, no amor de Jesus mais profundo,
 abraço a todos os pobres do mundo!

A natureza está se extinguindo:
 desmatamento e poluição!
 É alarmante o grito que ouvimos,
 tarefa urgente pra todo cristão!

Um dia eu vou ver meu sonho explodir,
 sonho de Deus vou cantar e curtir.
 Vou ver o povo um só pão partilhar,
 numa só taça a beber e brindar!

Quando a justiça reinar nesta terra

e o amor for a lei que impera;
vai se acabar toda vil exclusão,
vai ser global a confraternização.

Referências

AQUINO JÚNIOR, Francisco. *O caráter prático-social da Teologia: tópicos fundamentais da epistemologia teológica*. São Paulo: Loyola, 2017.

BARROS, Marcelo. *Teologias da Libertação para os nossos dias*. Petrópolis: Vozes, 2019.

BEOZZO, José Oscar. Prefácio. In: SOUZA, Ney; SBARDELOTTI, Emerson (org.). *Medellín, Memória, profetismo e esperança na América Latina*. Petrópolis: Vozes, 2018.

BRASIL DE FATO.

<https://www.brasildefatope.com.br/2022/05/21/simplicidade-e-fe-no-povo-conheca-a-historia-do-padre-reginaldo-veloso-presos-por-um-poema>

COMBLIN, José. *Teologia da enxada*. Uma experiência de Igreja no Nordeste. Petrópolis: Vozes, 1977.

GENNARI, Gianni. Ivan Illich: una “sentinella” che ha annunciato il futuro. *Dialogo*, n. 137, settembre 2022.

GUTIÉRREZ, Gustavo. *Teología de la liberación*. Lima: Perspectivas; CEP, 1971.

VELOSO, Reginaldo. Às margens do Rio da Babilônia. 1ª parte. *Revista de Liturgia*, ano 23; setembro/outubro 1996, p. 28-33.

Trabalho submetido em 05/10/2022.

Aceito em 28/11/2022.

Marcelo Barros

Biblista brasileiro e membro da Associação Ecumênica dos Teólogos do Terceiro Mundo (ASETT). Trabalha como assessor teológico da Pastoral da Terra, assim como assessora o Movimento dos Trabalhadores sem Terra e outros movimentos populares. Tem 34 livros publicados no Brasil e alguns em italiano, com traduções em francês, flamengo e alemão. E-mail: irmarcelobarros@uol.com.br.